

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani; Mittmann, Adiel & Targa, Dante Carvalho
Tradução: Discursos Duplos

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

DISCURSOS DUPLOS

Tradução: Adiel Mittmann, Dante Carvalho Targa
e Luís Felipe Bellintani Ribeiro
Laboratório de Tradução de Textos Clássicos
do Núcleo de Filosofia Antiga
Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Acerca do bem e do mal

(1) Dois discursos são ditos na Grécia pelos que filosofam acerca do bem e do mal. Pois uns dizem que um é o bem, outro é o mal; outros dizem que a mesma coisa é boa e má, já que para uns seria boa, para outros seria má, bem como para o mesmo homem ora seria boa, ora seria má.

(2) Eu mesmo tenho algo a acrescentar ao que eles dizem. Farei observações a partir da vida humana, que se ocupa de comida, bebida e sexo. Para o doente, são más; para aquele que goza de saúde e delas tem necessidade, são boas.

(3) Além disso, a intemperança em relação a estas coisas para os intemperantes é um mal; para os que as vendem e para os que se prostituem, é um bem. E a doença, para os que adoecem, é um mal; para os médicos, é um bem. A morte, para os que morrem, é um mal; para o vendedor de objetos funerários e para o construtor de túmulos, é um bem.

(4) Quando a agricultura produz muitos frutos, isto é para o agricultor um bem; para os comerciantes, um mal. Quando barcos se chocam e se rompem, isto é para o proprietário do barco um mal; para os armadores, é um bem.

(5) E ainda que o ferro se corroa e perca o fio e quebre, para os outros é um mal; para o ferreiro é um bem. Que a cerâmica se estilhaça, para os outros é um mal; para o oleiro é um bem. Que os calçados se desgastem e arrebentem, para os outros é um mal; para o sapateiro é um bem.

(6) O mesmo acontece nas disputas, seja no esporte, na arte ou na guerra: a vitória no estádio esportivo, para o que vence, é um bem; para os derrotados, é um mal.

(7) O mesmo raciocínio vale para os lutadores e para os pugilistas. E também para outros, que competem no domínio da arte. Neste ponto, <a vitória> nos concursos de canto acompanhado de cítara, para o vencedor é um bem; para os perdedores, um mal.

(8) Na guerra (e falarei primeiro sobre as mais recentes), a vitória dos lacedemônios sobre os atenienses e seus aliados para os lacedemônios foi um bem, para os atenienses e seus aliados, um mal. A vitória dos gregos sobre os persas, para os gregos foi um bem; para os bárbaros, um mal.

(9) E a tomada de Ílio para os aqueus foi um bem; para os Troianos, um mal. O mesmo se aplica aos padecimentos dos tebanos e dos argivos.

(10) E a luta dos centauros e dos lápitas para os lápitas foi um bem; para os centauros, um mal. E a dita luta dos deuses e gigantes foi para os deuses, vencedores, um bem; para os gigantes, um mal.

(11) O outro tipo de argumento diz que um seria o bom e outro seria o mau, e que diferindo de tal maneira o nome, assim difere a coisa. Eu mesmo também faço a distinção desse modo. Parece-me que não seria possível discernir qual é o bom e qual é o mau se ambos fossem a mesma coisa e não um diferente do outro (seria mesmo espantoso se fosse assim).

(12) Acho que aquele que afirma isso (que a mesma coisa é boa e má) não teria o que responder se alguém lhe perguntasse o seguinte: — “Dize-me lá, teus pais já te fizeram algum bem?” Ele responderia: — “Muitos e grandes bens.” — “Então deves muitos e grandes males a eles, se o bem é a mesma coisa que o mal.

(13) Por ventura já fizeste algum bem aos teus parentes?” — “Muitos e grandes bens.” — “Logo lhes fizeste mal. Já fizeste mal aos inimigos?” — “Muitos e grandes.” — “Logo os maiores bens lhes fizeste.”

(14) Vamos lá, responde-me o seguinte: que poderias dizer senão que te apiedas dos pobres, porque passam por muitos males, e inversamente os estimas felizes, porque passam por muitos bens, se a mesma coisa é boa e má?

(15) Nada impede que o grande rei esteja na mesma situação que os pobres. Pois seus muitos e grandes bens são muitos e grandes males, se a mesma coisa é boa e má. E seja dito o mesmo acerca de todo o resto.

(16) Prosseguirei retomando cada um dos argumentos, começando pelo comer, o beber e o fazer sexo. Fazer estas coisas, pois, para os debilitados fisicamente é um mal, e, em contrapartida, é para eles próprios um bem, se a mesma coisa é boa e má; e para os doentes a doença é um mal e um bem, se o bom é o mesmo que o mau.

(17) E assim com todas as outras coisas supra mencionadas. Com efeito, não defino o que seja o bem, apenas tento ensinar que o mal e o bem não seriam a mesma coisa, mas que cada um seria diferente do outro.

2. Acerca do belo e do feio

(1) Também acerca do belo e do feio dois discursos são ditos. Pois uns dizem que um é o belo, outro é o feio, e que diferindo de tal maneira o nome, assim difere a coisa; outros dizem que o mesmo é belo e feio.

(2) Eu tentarei primeiro explicar esse último caso. Por exemplo: para um menino na flor da idade é belo agradar a um amante [honesto], e feio agradar a um homem [belo mas] que não o

ame.

(3) As mulheres banharem-se em casa é belo, na palestra é feio (mas para os homens na palestra e no ginásio é belo).

(4) Fazer sexo, com um homem, num lugar tranquilo, onde ficará escondida por paredes, é belo; ao ar livre, onde alguém a verá, é feio.

(5) Ademais, fazer sexo com o próprio homem é belo, com o alheio é feiíssimo; bem como, para o homem, fazer sexo com sua própria mulher é belo; com a alheia é feio.

(6) E embelezar-se, maquiar-se com pintura e adornar-se com jóias para o homem é feio; para a mulher, é belo.

(7) E fazer o bem aos amigos é belo; aos inimigos, feio. Correr dos inimigos de guerra é feio; dos competidores no estádio, é belo.

(8) E matar os amigos e os concidadãos é feio; os inimigos, belo. E o mesmo acerca de todo o resto.

(9) Passarei agora às coisas que as cidades e os povos consideram feias. Por exemplo: as meninas se exercitarem e aparecerem em público sem mangas e sem túnica para os lacedemônios é belo; para os jônios, é feio.

(10) E para aqueles, as crianças não aprenderem música e letras é belo; para os jônios, é feio não conhecer todas estas coisas.

(11) Para os tessálios é belo que aquele que toma cavalos e mulas do rebanho domestique-os ele próprio; na Sicília é feio e trabalho de escravos que aquele que toma um boi degole-o ele próprio, esfole-o e esquarteje-o.

(12) Parece ser belo para os macedônios que as moças, antes de casarem-se, apaixonem-se e façam sexo com um homem; após casarem-se, é feio. Para os gregos, ambas as coisas são feias.

(13) Para os Trácios é belo que as moças marquem o corpo; para os outros é um castigo aos injustos as marcas no corpo. Os Citas consideram belo que aquele que mata um homem tendo-lhe arrancado a cabeça, arraste-a pela cabeleira de cavalo, e, tendo dourado ou prateado o crânio, beba nele e faça libações aos deuses; entre os gregos ninguém gostaria de estar sob o mesmo teto que alguém que fez essas coisas.

(14) Os Massagetas esquartejam e devoram os pais, pois acham que a mais bela sepultura é estar sepultado nos filhos; na Grécia, se alguém fizesse isso seria expulso da Grécia e morreria de modo desonroso como autor de ações feias e terríveis.

(15) Os Persas consideram belo que os homens se embelezem como as mulheres e que façam sexo com a filha, com a mãe e com a irmã. Os gregos consideram estas coisas feias e ilegais.

(16) Para os Lídios, todavia, parece <ser> belo que as moças se prostituam, façam dinheiro e desse modo se casem; entre os gregos ninguém quereria se casar com uma moça dessas.

(17) Os egípcios não consideram belas as mesmas coisas que os outros. Pois aqui é belo que

as mulheres teçam e façam trabalhos de lã, mas lá, os homens; e o que aqui os homens fazem lá cabe às mulheres. Remexer os dados de um sorteio com as mãos e o trigo com os pés para os de lá é belo, mas para nós, contrário.

(18) Se alguém mandasse todos os homens reunirem em um mesmo local as coisas feias, cada qual as que assim considera, e, inversamente, tomarem deste conjunto as coisas belas, conforme parece a cada qual, penso que nenhuma seria deixada para trás, mas todos levariam todas. Pois nem todos consideram belas ou feias as mesmas coisas.

(19) Apresentarei, ademais, um poema: “Pois na verdade, interpretando desta maneira, verás outra lei dos mortais: nada é totalmente belonem feio, mas a oportunidade, tomando as mesmas coisas, as faz ora feias e, alterando-as, ora belas”.

(20) Como se diz em geral, tudo é belo na oportunidade e feio na importunidade. Que obtive então? Disse que iria demonstrar que as mesmas coisas eram belas e feias, e demonstrei com todos esses casos. —

(21) Diz-se também acerca do feio e do belo que cada um seria diferente do outro. Segue que, se alguém perguntar aos que dizem que a mesma coisa é feia e bela, se ele já lhes fez alguma vez algo belo, hão de concordar que também lhes fez algo feio, no caso de o feio e o belo serem o mesmo.

(22) E se conhecem algum homem belo, este mesmo também é feio; e se conhecem alguém branco, este mesmo é também negro. E é belo venerar os deuses, e também é feio venerar os deuses, caso a mesma coisa seja feia e bela.

(23) E que isto me seja dito acerca de tudo; voltar-me-ei para as palavras que eles próprios dizem.

(24) Pois se é belo que a mulher se enfeite, é feio que a mulher se enfeite, caso o mesmo seja feio e belo; e as outras coisas segundo o mesmo raciocínio:

(25) Na Lacedemônia é belo que as meninas se exercitem, na Lacedemônia é feio que as meninas se exercitem, e assim as outras coisas.

(26) Dizem que, se certas pessoas reunirem as coisas feias dos povos dispersos por toda a parte, e em seguida os convocasse e ordenasse tomar aquelas coisas que alguém considerasse belas, tudo seria levado embora na condição de belas. Eu de minha parte acho estranho que, reunidas as coisas feias, elas venham a ser belas, uma vez que não chegaram assim.

(27) Pelo menos se cavalos ou bois ou ovelhas ou homens levaram, outra coisa não teriam trazido; pois nem quando levaram ouro trouxeram bronze, nem quando levaram prata trouxeram chumbo.

(28) Acaso em lugar das coisas feias levam coisas belas? Dize-me lá: se alguém levou um homem feio, acaso o traria belo? Citam os poetas por testemunhas, mas estes compõem por prazer e não pela verdade.

3. Acerca do justo e do injusto

(1) Dois discursos são ditos também acerca do justo e do injusto. E uns dizem que o justo é uma coisa e o injusto é outra; outros, que o mesmo é justo e injusto. Eu, de minha parte, tentarei defender esta última posição.

(2) Primeiro direi que é justo mentir e enganar, embora digam que fazer isso com os inimigos é belo e justo, e com os amigos, feio e nocivo. Como assim, com os inimigos sim e com os amigos não? No caso, por exemplo, dos mais queridos, os pais: se o pai ou a mãe devesse beber ou comer um remédio e não quisesse, não seria justo colocá-lo na comida e na bebida e não dizer que ele está lá?

(3) Disso conclui-se que é justo mentir e enganar os pais. E roubar as coisas dos amigos e agredir os mais queridos é justo.

(4) Por exemplo, se algum dos parentes, acometido de dor e aflição, estiver prestes a se autodestruir com um punhal, com uma corda ou com outra coisa qualquer, é justo, se possível, roubá-las, e, no caso de se chegar tarde demais e de ele já as ter tomado em mãos, arrancá-las a força?

(5) Como não seria justo escravizar os inimigos e, se alguém, tomando a cidade, pudesse vendê-la toda? Ademais, parece justo invadir e roubar os prédios públicos dos cidadãos, pois, se o pai, dominado pelos adversários políticos, fosse preso e condenado à morte, acaso não seria justo cavar um buraco, resgatar e salvar o pai?

(6) E quanto ao perjurar? Se alguém, capturado pelos inimigos, promettesse sob juramento solene, uma vez libertado, trair a cidade, acaso agiria com justiça cumprindo o juramento?

(7) Eu verdadeiramente penso que não: pois seria melhor que ele salvasse a cidade, os amigos e os templos pátrios, perjurando. Logo, é justo o perjurar. E também o profanar:

(8) deixo de lado as coisas particulares das cidades e me atenho às coisas comuns da Grécia, como as de Delfos e as de Olímpia. No caso de o bárbaro estar prestes a tomar a Grécia e de a salvação residir nessas riquezas, não é justo tomá-las e usá-las na guerra?

(9) E matar os mais queridos é justo, como no caso de Orestes, bem como no de Alcmeão¹. Até o deus proclamou justo o que eles fizeram.

(10) Voltar-me-ei agora para as artes e para as obras dos poetas. Na composição de tragédias e na pintura, aquele que mais enganar, criando coisas semelhantes às verdadeiras, este é o melhor.

(11) E também gostaria de citar alguns dos poemas mais antigos como testemunhas. De Cleobuline: vi um homem roubando e enganando violentamente, e o agir com violência, isto é o mais justo.

(12) Isto foi dito antigamente. De Ésquilo estas palavras: “de engano justo não está distante deus” e “há vezes em que deus honra a oportunidade de coisas falsas”.

(13) Também é dito outro discurso, oposto a esse, o de que um é o justo e outro o injusto,

¹ Ambos cometeram matricídio por ordem dos deuses, como vingança de crimes anteriores.

diferente quer quanto ao nome, quer quanto à coisa. Já que, se alguém perguntasse aos que dizem que o mesmo é injusto e justo se já fizeram algo justo aos pais, assentiriam. Logo também fizeram algo injusto. Pois afirmam que o mesmo é injusto e justo.

(14) Ademais, se conheces algum homem justo, então também o conheces como injusto; se o conheces como grande, também o conheces como pequeno, segundo o mesmo argumento. E se fosse dito: “que morra aquele que cometer muitas injustiças”, que morra também o que realizou muitas coisas justas.

(15) Quanto a isso, é o bastante. Passarei agora ao que eles dizem julgando demonstrar que o mesmo é justo e injusto.

(16) Ora, demonstrar que roubar as coisas dos inimigos é justo é também demonstrar que isto mesmo é injusto, se é que é verdadeiro o discurso deles, e as outras coisas do mesmo modo.

(17) Eles citam as artes, nas quais não há questão de justo e injusto. E os poetas compõem os poemas não pela verdade, mas pelos prazeres dos homens.

4. Acerca do verdadeiro e do falso

(1) São ditos também acerca do falso e do verdadeiro dois discursos. Uns dizem ser um o discurso mentiroso, outro o verdadeiro. Outros, por sua vez, que o mesmo discurso é mentiroso e verdadeiro.

(2) Eu digo o seguinte: primeiro, que ambos são ditos com as mesmas palavras; depois, que, toda vez que um discurso é enunciado, se o que ele disser acontecer, ele é verdadeiro, se não acontecer, o mesmo discurso é falso.

(3) Por exemplo, o discurso que acusa alguém de profanação: se aconteceu o fato, verdadeiro é o discurso; se não aconteceu, mentiroso. E o mesmo discurso pode ser do defensor. E os tribunais julgam o mesmo discurso ora mentiroso, ora verdadeiro.

(4) E se estivéssemos sentados em sequência e disséssemos: “sou iniciado nos mistérios”, todos diríamos o mesmo, mas só eu seria veraz, visto que só eu o sou.

(5) É evidente, com efeito, que o mesmo discurso, quando o falso lhe acompanha, é mentiroso; quando o verdadeiro, veraz (assim como um homem é a mesma pessoa, quando criança, jovem homem maduro e velho).

(6) Diz-se também que um seria o discurso falso, outro o verdadeiro, e que diferindo de tal maneira o nome, assim difere a coisa. Pois se alguém perguntasse aos que dizem que o mesmo discurso é falso e verdadeiro se esta mesma afirmação é verdadeira ou falsa, e se eles respondessem que é falsa, é evidente que seriam duas coisas diferentes; e se respondessem que é verdadeira, isso mesmo também seria falso. E quando alguém diz ou testemunha coisas verdadeiras, então estas mesmas coisas também são falsas; e se conhece um homem veraz, também o conhece como mentiroso.

(7) A partir do próprio discurso afirmam isto, que, tendo acontecido o fato (prágma), verdadeiro é o discurso; não tendo acontecido, falso. Com efeito, os discursos não diferem entre si pelo nome, mas pela coisa (prágma).

(8) E se alguém perguntasse, ainda uma vez, aos juízes o que eles decidem (pois não presenciaram os fatos):

(9) também eles concordarão que o que está misturado com o falso é mentiroso, e o que está misturado com o verdadeiro, é veraz. Afinal isto é totalmente diferente...

5

(1) ‘As mesmas coisas tanto os loucos quanto os sensatos, assim como os sábios e os ignorantes, dizem e fazem.

(2) Primeiramente, dão os mesmos nomes para as coisas: terra, homem, cavalo, fogo e tudo mais. E também fazem as mesmas coisas: sentam-se, comem, bebem, deitam-se e o resto do mesmo modo.

(3) E a mesma coisa é maior e menor, mais e menos, mais pesada e mais leve. Pois as coisas recebem os mesmos predicados:

(4) um talento é mais pesado que uma mina, e mais leve que dois talentos². O mesmo é, portanto, mais leve e mais pesado.

(5) E a mesma pessoa vive e não vive, e as mesmas coisas são e não são, pois as coisas que estão sendo aqui não são na Líbia, e nem as que estão sendo na Líbia são em Chipre. E o resto segundo o mesmo raciocínio. Portanto as coisas são e não são.’

(6) Os que dizem isto, que os loucos e os sensatos, os sábios e os ignorantes realizam e dizem as mesmas coisas, e que dizem também as outras coisas decorrentes do argumento, não falam corretamente.

(7) Pois se alguém lhes perguntasse se a loucura difere da sensatez e a sabedoria da ignorância, diriam: “sim.”

(8) Pois é bem evidente que cada um deles é o que é também a partir das coisas que fazem, com o que concordarão. Portanto, se fazem as mesmas coisas, os sábios deliram e os delirantes são sábios, e se confundem totalmente.

(9) E a argumentação deve continuar, considerando quem fala na ocasião devida, os sensatos ou os loucos. Pois eles afirmam que as mesmas coisas estes falam, quando alguém lhes interroga. E no entanto os sábios falam na ocasião devida e os loucos quando não devem.

(10) E os que dizem isso (que os sábios e os loucos dizem as mesmas coisas) acham que o “quando se deve e quando não se deve” acrescenta pouco para que o que eles dizem não seja mais o mesmo.

(11) Eu, de minha parte, acho que as coisas se alteram, sim, mesmo que não recebam nenhum acréscimo, mas tenham somente a acentuação alterada. Como, por exemplo, *Glaĩcos* (Glauco, nome próprio) e *glaucós* (coruja), *Xánthos* (Xanto, nome próprio) e *xanthós* (louro), *Xoũthos* (Xuto, nome próprio) e *xouthós* (dourado).

² Unidades de peso da Grécia antiga. Um talento equivalia a sessenta minas.

(12) Por um lado, estas coisas diferenciam-se pela alteração da acentuação; por outro lado, as seguintes pela pronúncia de modo longo ou mais breve: *Týros* (Tiro, cidade da Fenícia) e *týrós* (queijo); *sákos* (escudo) e *sākós*, outras pela troca de letras: *kártos* (força) e *kratós* (cabeça); *ónos* (burro) e *nóos* (pensamento).

(13) Visto que, mesmo sem subtrair nada, diferem tanto, que dizer então se alguém acrescenta ou subtrai algo? e isto mostrarei como é.

(14) Se alguém de dez subtraísse um ou a dez acrescentasse um, não mais dez nem um haveria, e do mesmo modo para as outras coisas.

(15) E, diante da frase "o mesmo homem é e não é", pergunto: "quanto a uma parte determinada ou quanto ao todo?" Se alguém negar que o homem existe, mente, como quem diz que "quanto a uma parte" e "quanto ao todo" são o mesmo. Com efeito, tudo é de um modo ou de outro.

6. Acerca da sabedoria e da virtude, se são ensináveis

(1) Ademais, é dito certo discurso, nem verdadeiro nem novo, de que nem a sabedoria e nem a virtude seriam ensináveis e aprendíveis. E os que dizem isso lançam mão das seguintes demonstrações:

(2) Que não seria o caso de, se transferires algo a outrem, isto ainda o teres. Uma primeira demonstração é essa.

(3) Outra, de que, se fossem ensináveis, haveria professores reconhecidos, como há os de música.

(4) Terceira: que os homens sábios nascidos na Grécia teriam ensinado sua arte aos amigos.

(5) Quarta: que alguns já foram até os sofistas, e em nada foram beneficiados.

(6) Quinta: que muitos que não conviveram com os sofistas tornaram-se dignos de reputação.

(7) Eu, de minha parte, considero extremamente simples o seguinte argumento: sei, pois, que os professores ensinam as letras, e que continuariam a conhecê-las. Assim como os citaristas, que continuam a tocar cítara. Contra a segunda demonstração, a de que não há, então, professores reconhecidos: que ensinam os sofistas, se não sabedoria e virtude?

(8) E que eram os anaxagóricos e os pitagóricos? Contra a terceira: Policleto ensinou o filho a fazer estátuas.

(9) Por um lado, no caso de alguém não ensinar, isto não é prova alguma; por outro lado, no caso de uma única pessoa ensinar, isto é prova de que ensinar é possível.

(10) Contra o quarto argumento, de que muitos que freqüentam os sofistas e não se tornam sábios: ora, muitos alunos também não aprenderam as letras.

(11) E algo assim também é a natureza, na qual ocorre de alguém que não tenha estudado com os sofistas se tornar apto, se naturalmente dotado, aprender facilmente muitas coisas, poucas tendo aprendido junto àqueles com os quais aprendemos os nomes: uns mais, outros

menos, uns com o pai, outros com a mãe.

(12) Mas se para alguém não é verossímil que aprendemos os nomes assim, mas que os conhecemos ao nascer, que tome conhecimento disto a partir do seguinte: se alguém enviasse para a Pérsia uma criança, assim que nascesse, e lá a criasse, surda à voz da Grécia, ela falaria persa; se alguém trouxesse uma criança de lá para cá, ela falaria grego. Desse modo aprendemos os nomes, e não sabemos os professores.

(13) Assim fica dito por mim o discurso e tens princípio, fim e meio; e não digo que é algo ensinável, mas que não me bastam aquelas demonstrações.

7

(1) Dizem alguns dos oradores populares que é preciso que os cargos públicos sejam distribuídos por sorteio; mas não têm a melhor opinião.

(2) Pois se alguém perguntasse ao que diz estas coisas: “ora, por que, afinal, tu não distribuis as tarefas aos empregados por sorteio, por exemplo: o chofer, se lhe coubesse em sorte ser cozinheiro, cozinaria, e o cozinheiro, conduziria, e assim por diante?”, o que responderia?

(3) E por que não também reunirmos os ferreiros, os sapateiros, os carpinteiros e os ourives, e realizarmos um sorteio e os forcarmos cada um a trabalhar com a arte que lhe foi sorteada, e não com a que conhece?

(4) O mesmo nas competições musicais: sortear os competidores e cada um competir na modalidade que lhe couber em sorte: o flautista talvez tocará cítara e o citarista, flauta. E na guerra os arqueiros e os hoplitas andarão a cavalo, e o cavaleiro usará o arco e flecha, de modo que todos realizarão o que não conhecem e nem são capazes de realizar.

(5) Dizem também que isto é bom e muito democrático. Eu, de minha parte, considero pouquíssimo democrático. Pois existem nas cidades homens que detestam o povo, e os quais, se forem sorteados, o arruinarão.

(6) Mas é preciso que o próprio povo, atento, escolha todos os de boa vontade para consigo, que os prestimosos sejam gerais, que os outros guardem as leis, etc.

8

(1) Considero ser próprio do mesmo homem e da mesma arte ser capaz de discursar sem rodeios, conhecer a verdade dos fatos, saber julgar corretamente, declarar ao povo como são as coisas, e conhecer a arte das palavras e ensinar, acerca da natureza de todas as coisas, como são e como vieram a ser.

(2) Em primeiro lugar, o que sabe sobre a natureza de todas as coisas, como não poderá ele, com relação a todas, ensinar a cidade a agir corretamente?

(3) E ainda: o que conhece as artes das palavras saberá como falar corretamente sobre todas as coisas.

(4) Pois é preciso que aquele que deve falar corretamente fale acerca das coisas que conhece, pois, nesse caso, conhecerá tudo.

(5) Pois, por um lado, ele conhece as artes de todos os discursos; por outro, todos os discursos são acerca de todos os seres.

(6) É preciso que o que vai falar corretamente conheça quaisquer coisas acerca das quais há de falar, e que ensine corretamente a cidade a fazer as boas e evitar as más.

(7) E, conhecendo umas, conhecerá também as outras; tudo, pois, conhecerá. Estas coisas são as mesmas em todos os casos. E ele fará o que deve, diante do mesmo caso, se for preciso.

(8) E, se sabe tocar flauta, sempre poderá tocar, caso deva fazê-lo.

(9) E o que sabe julgar deve conhecer corretamente o justo, pois os processos judiciais giram em torno dele. Conhecendo isso, conhecerá também o seu contrário e as coisas que lhes são diferentes.

(10) É preciso que ele conheça todas as leis. Se, portanto, não conhecer as realidades, tampouco as leis conhecerá.

(11) Pois aquele que conhece a lei em música, é o mesmo que conhece música, e o que não conhece música não conhece sua lei.

(12) Àquele que conhece a verdade das coisas, o discurso lhe é favorável, porque conhece tudo.

(13) Já que pode discursar sem rodeios, é preciso que, se alguém lhe perguntar acerca de qualquer coisa, ele responda; é preciso, então, que ele conheça todas as coisas.

9

(1) A maior e mais bela descoberta é a memória, para tudo útil, tanto para a sabedoria quanto para a vida.

(2) Em primeiro lugar, se mantiveres o espírito atento, o teu pensamento, ao passar por elas, tornar-se-á mais perceptivo.

(3) Em segundo lugar, aplica-te com atenção quando escutas algo; pois pelo escutar e falar as mesmas coisas muitas vezes advém à memória tudo o que aprendeste.

(4) Em terceiro lugar, quando escutares algo, põe-no junto do que já sabes. Por exemplo: para lembrar de Crisipo (Chrysippos) quando for preciso, põe-no junto de chrysos (ouro) e hippos (cavalo).

(5) Outro exemplo: Pyrilampes (Pirilampo) junto de pyr (fogo) e de lampein (brilhar). Esses exemplos foram sobre nomes;

(6) quanto às coisas, é desse modo: põe as coisas acerca da coragem junto de Ares e de Aquiles; as acerca da metalurgia, junto de Hefesto; as da covardia, junto de Epio...

[Recebido em novembro de 2008; aceito em dezembro de 2008.]